

## TURISMO LGBT+ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL: Um estudo de caso sobre a Parada do Orgulho de São Paulo

Kleyton da Silva Rodrigues<sup>1</sup>  
Alexandro Oliveira Machado dos Santos<sup>2</sup>  
Isabela Andrade de Lima Morais<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem o objetivo de relacionar o Movimento LGBT+ ao entendimento da Decolonização a partir do Turismo LGBT+ que acontece durante a parada do Orgulho de São Paulo. Para tal objetivo, espera-se, identificar as contribuições da Decolonização com o movimento LGBT+, discutir as limitações dos estudos sobre o Turismo LGBT+ e por fim, detectar aspectos coloniais ou decoloniais que acontecem durante a parada do Orgulho de São Paulo. A metodologia utilizada foi com base em uma teoria fundamentada caracterizada por uma lente teórica investigativa que tentou encontrar aspectos na Parada do Orgulho de São Paulo, que contribuem com a decolonização do movimento LGBT+. Para isso, foi realizada uma análise documental em 03 Blogs de notícia, 05 portais diferentes de matérias jornalísticas e 4 sites de oficiais, para investigar a programação dos últimos 05 anos da Parada do Orgulho de São Paulo, com o objetivo de encontrar contribuições decoloniais de um evento tão significativo para o Turismo LGBT+. Durante os anos de 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023 foi possível constatar a participação de 3 indígenas que compartilharam sobre aspectos de resistência LGBT+ atrelada ao racismo sofrido desde o período da colonização. Além disso, foi mencionado também, um ato de racismo sofrido pela Indígena Katu Mirim durante a parada LGBT+ de São Paulo. Vale mencionar também que, dentre os 05 anos analisados, um dos temas do evento foi o StoneWall, reforçando o acontecimento em Nova York como marco inicial do movimento LGBT+ no mundo todo. Este tema reforçou aspectos coloniais que distorce toda a história do movimento como sendo algo completamente distante do contexto histórico que continua sendo negligenciado pelo movimento. Por fim, foi possível concluir que, devido ao fato da Parada LGBT+ de São Paulo ser um evento turístico bastante significativo, é preciso decolonizar o movimento como um todo.

**Palavras-chave:** Turismo; Turismo LGBT; Decolonial.

### INTRODUÇÃO

Durante o processo de colonização, os colonizadores oprimiram os saberes culturais e sociais das populações que estavam sendo colonizadas. Esta opressão resultou em marcas profundas que foram deixadas pelos invasores, e que permanecem nas culturas desses Povos mesmo após o final do período colonial. A decolonização então, propõe uma valorização dos aspectos que foram esquecidos e considerados inferiores pelos dominadores (Reis; Andrade, 2018).

Essa inferiorização envolve aspectos de expressão e de der. Tal afirmação pode ser compreendida a partir do entendimento de Tolentino e Batista (2017), visto que, os autores afirmam que a cisbinariedade e a diversidade sexual era algo comum para as culturas tradicionais dos Povos Indígenas dos territórios que foram colonizados, e por isso, essa perspectiva negativa sobre a sexualidade e o gênero, é algo que foi trazido e imposto às sociedades que estavam no processos de colonização.

Então, deve-se olhar o turismo LGBT+ por uma outra perspectiva. Apesar dos números mencionarem que este nicho turístico tem uma relevância bastante significativa dentro do setor,

Moreira e Hallal (2016), afirmam que o ato de viajar envolve questões que vão além do que é entendido mercadologicamente. Ou seja, aspectos culturais, sociais, políticos e até mesmo inconscientes, são afetados no ato de uma viagem.

Por isso, o presente estudo busca responder a seguinte questão; é possível relacionar o Turismo LGBTQ+ ao entendimento da decolonização? Para obter este entendimento espera-se conhecer as limitações sobre os estudos do Turismo LGBTQ+, em seguida detectar aspectos coloniais ou decoloniais que acontecem durante a Parada do Orgulho de São Paulo, para que por fim, seja possível identificar as contribuições da decolonização para o movimento LGBTQ+ a partir de um estudo de caso da Parada do Orgulho de São Paulo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Entendendo a Decolonização

Durante o processo de colonização, o colonialismo europeu impôs uma perspectiva eurocêntrica baseada numa ideologia de relação entre dominantes e dominados, a partir da ótica de uma superioridade e inferioridade (Quijano, 2005). Ou seja, a colonização não foi apenas sobre exploração dos recursos naturais de uma terra abundante e próspera, mas sim, envolveu um sistema opressor de dominação cultural onde se pregava a existência de uma hierarquia social.

Então, a partir do período colonial, aqueles que chegavam em suas caravelas no território que iria ser colonizado, eram considerados os mais desenvolvidos, e os povos encontrados nas terras que estavam sendo invadidas, tinham um desenvolvimento considerado atrasado. Como consequência, os territórios colonizados sofreram com profundas marcas deixadas por seus colonizadores.

Em seu texto, Quijano (2005) afirma que a Europa utilizou da ideologia de hegemonia cultural, limitando a pluralidade subjetiva dos diferentes povos. Essas marcas resultaram em transformações culturais na individualidade dos seres que estavam envolvidos dentro desse processo de colonização (Reis; Andrade, 2018, apud Balandier 2014).

Ou seja, é possível perceber que a colonização teve como um de seus objetivos, implementar um sentido único de entendimento cultural, dessa forma, ignorando toda a diversidade presente nos territórios que estavam sendo colonizados. A partir de todo esse processo de dominação europeia, os povos dominados foram perdendo sua identidade, desconsiderando de forma profunda os valores tradicionais presentes nessas populações.

A partir do pensamento dos colonizadores, tudo o que não se enquadrava no padrão europeu de cultura era visto como inferior, e por isso, foi de certa forma, eliminado da tradição dos povos invadidos. Quijano (2005) explica que, houve um êxito nesse objetivo, e portanto, os povos colonizados passaram a apresentar um etnocentrismo em suas perspectivas.

Então, é preciso levar em consideração o fato de que, após o período colonial, as culturas desses povos permaneceram modificadas, mesmo no período posterior à independência desses países (Reis; Andrade, 2018). Em outras palavras, as marcas deixadas pelo processo de colonização não foram removidas com o fim do processo colonial, muito pelo contrário, uma ideia eurocêntrica permanece na mente dessas sociedades, onde estimula-se a noção de que os países do norte global, tem uma superioridade cultural e social. Esse sentido colonial que permanece dentro dos territórios colonizados abrangendo perspectivas diversas e não se restringe apenas ao poder, mas está presente também nos saberes e expressões na pluralidade de expressões de ser desses povos

A decolonialidade surge dentro desse contexto, por ser um movimento que não se deixa levar pela lógica da colonialidade, sugerindo algo que parte da diferença colonial, e que está ligado diretamente aos movimentos sociais existentes (Mignolo, 2008). Nesse sentido, percebe-se que, o entendimento da decolonização não se limita aos indivíduos colonizados, mas sim, a um conjunto de reivindicações coletivas, que afetam diversos ângulos sociais distintos e que se comunicam entre si.

É possível compreender melhor as diferentes manifestações do movimento Decolonial na afirmação de Castro-Gomez e Grosquel (2007), onde os autores afirmam que a partir da abordagem decolonial, é possível ressignificar as exclusões causadas pelas hierarquias de raça e também de gênero e sexualidade. Cunha (2018) complementa essa afirmação explicando que, a decolonização se faz presente em movimentos em prol da terra, da água, do planeta e de outros aspectos da sociedade como os movimentos sociais indígenas, afro e em especial, do Movimento LGBTQ+ também.

Ou seja, a partir do pensamento decolonial, entende-se que é preciso reconectar-se com os conhecimentos culturais massacradas pelo colonialismo. A decolonização entende que deve-se identificar aspectos socioculturais que fizeram parte dessas populações muito antes de qualquer dominação europeia invadir esses territórios, considerando assim, as práticas ancestrais que faziam parte dessas populações.

Reis e Andrade (2018), trazem o entendimento de que, a perspectiva decolonial deve ir em um sentido para além do debate acadêmico, visto que, tais entendimentos científicos são, muitas vezes, limitados às perspectivas eurocêntricas. Cunha (2018), complementa a afirmação anterior quando

afirma que é preciso levar em consideração os protagonistas de um novo cenário epistemológico que surge.

O protagonismo das questões indígenas, de diáspora africana, da sexualidade, e do movimento LGBT+, são alguns exemplos de saberes e dilemas existenciais que contribuem de forma decolonizadora com o entendimento social. Ou seja, é importante levar em consideração as produções de conhecimento a respeito do sentido decolonial, que surge a partir dos debates latinoamericanos, e também, agir a partir de uma consciencia decolonial de reivindicação política, social e cultural, daqueles grupos que foram e continuam sendo considerados inferiores, de forma equivocada, devido a um entendimento colonial de perspectiva dominadora que ainda hoje se faz presente na mente dessas populações.

### **Decolonizando o Movimento LGBT+**

Antes de identificarmos de forma direta, as contribuições da decolonização para o movimento LGBT+, é preciso fazer uma problematização a partir da contextualização histórica. Segundo Canabarro (2013), esse movimento teve origem nos eventos ocorridos no Stonewall Inn, um famoso bar frequentado pelo público LGBT, em Nova Iorque. No dia 28 de junho de 1969. Os frequentadores do bar se uniram em reação a uma abordagem humilhante que sofriam, resultando em uma série de manifestações e confrontos que se estenderam por vários dias no bairro de Greenwich Village.

Esse acontecimento é popularmente visto como o marco inicial do movimento LGBT+ pelos direitos humanos desta comunidade no Mundo. Já no Brasil, de acordo com Belin e Neumann (2020), o movimento LGBT+ no Brasil teve seu marco inicial quando moradores de um bairro em São Paulo expulsaram um grupo de mulheres lésbicas do Bar Ferro's, que servia como local de reuniões e discussões sobre a organização e elaboração de materiais de protesto. Esse acontecimento foi crucial para unir a comunidade LGBT+ daquela época.

Nos anos 70, durante o auge da ditadura militar no Brasil, o movimento LGBT+ enfrentava dificuldades para agir abertamente no país. No entanto, a comunidade LGBT+ encontrou outras maneiras de resistir no Brasil. Isso foi feito por meio de publicações com o objetivo de conscientizar a população sobre questões sociais, sexuais e educacionais, além de servirem como um meio de denunciar as atrocidades cometidas durante o período ditatorial (Belin; Neumann, 2020).

Nesse contexto, surgiram o jornal "O Lâmpião da Esquina" e o movimento lésbico representado pelo grupo "Chanacomchana". Ambos possuíam uma postura de denúncia e reivindicação pelos direitos da comunidade LGBTQ+, mesmo em um ambiente repressivo. Essas iniciativas foram fundamentais para fortalecer o movimento LGBTQ+ e contribuir com um processo de resistência e busca por igualdade de direitos.

Dito isto, é importante entender que, a linha temporal do Movimento LGBTQ+, que é conhecida popularmente, precisa ser decolonizada, para que seja possível um panorama real de entendimento da pauta e da resistência histórica do movimento. Visto que, de acordo com Fernandes (2016), a homossexualidade já foi mencionada em diversas escrituras desde o início da colonização do Brasil, inclusive, existem escritos e cartas de vários autores que servem como prova desse fato.

Um desses escritos pode ser encontrado no site oficial do Senado Brasileiro, chamado Tratado Descritivo do Brasil em 1587, escrito por Gabriel Soares de Sousa. Esse tratado é considerado de grande valor por sua contribuição ao conhecimento sobre o Brasil no século XVI, abrangendo diversos campos, como geografia, etnografia, agricultura e ciências naturais. Nesse documento, também é possível encontrar os relatos do autor sobre o modo de vida e as relações sexuais dos indígenas naquela época, como é possível perceber no texto intitulado “Que trata da luxúria d’estes bárbaros” (Sousa p.286, 1587):

“São os Tupinambás tão luxuriosos que não ha peccado de luxúria que não cometam; [...] E' este gentio tão luxurioso que poucas vezes tem respeito ás irmãs e tias, e porque este peccado é contra seus costumes, dormem com ellas pelos matos, e alguns com suas proprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas tem muitas, como já fica dito, pelo que morrem muitos de esfalfados. E em conversação não sabem fallar senão n'estas sujidades, que cometem cada hora; [...] com o membro, genital como a natureza o formou [...] e não contentes estes selvagens de andarem tão encarniçados n'este peccado, naturalmente cometido, são mui afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por afronta; e que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldêas pelo sertão ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas.”

É importante ressaltar que esse escrito reflete a perspectiva e os preconceitos do autor, que possuía uma visão moralizante e etnocêntrica dos costumes e práticas sexuais dos Tupinambás. De fato, há várias críticas e julgamentos presentes nessa passagem em relação ao modo de vida dos tupinambás. Destacamos, entre eles, o fato de o autor considerar que os tupinambás eram propensos ao chamado "pecado nefando", referindo-se à homossexualidade. Essa é uma visão baseada no

pensamento de um homem cis, branco e europeu, que enxergava uma cultura diferente da sua como algo errado.

Conhecido como Tibira, em 1614, um indígena teve sua execução consentida pela Igreja Católica que estava em Missão no Brasil naquela época. Sua morte foi justificada com a tentativa de purificar a terra de suas maldades através da execução realizada pelo evangelho (VEIGA, 2020). No entanto, é fundamental compreender que os Tupinambás não consideravam suas práticas como uma ofensa a outras culturas. Para eles, era uma parte integrante de sua identidade e expressões existentes na diversidade de sua cultura.

A partir do exposto, podemos compreender que, o primeiro caso reconhecido de morte por homofobia no Brasil, aconteceu onde hoje está localizado o Estado do Maranhão, e foi com um Tupinambá. Ou seja, pode-se perceber que, as relações entre pessoas do mesmo sexo não eram um problema no Brasil antes da chegada dos europeus. Foram os portugueses que impuseram sua cultura aos habitantes nativos, e a colonização trouxe consigo malefícios que persistem até os dias de hoje, como o preconceito e a discriminação contra a comunidade LGBTQ+. Por isso, entende-se que, as lutas do movimento LGBTQ+ tiveram seu início muito antes do fato ocorrido em Nova York.

Para um melhor entendimento, é preciso reconhecer que os povos colonizados não seguiam o conceito binário de gênero imposto pelos colonizadores e praticavam livremente o que hoje é classificado como homossexualidade e lesbianidade antes mesmo da colonização. Então, é importante considerar o quão violento foi a heterossexualidade compulsória que foi trazida pelos europeus no ato de sua invasão, e que reprimiu e condicionou os povos a um sistema patriarcal que supria apenas a necessidade eurocêntrica de poder. A partir desse entendimento, fica claro que a sexualidade, hoje tão problematizada, está diretamente ligada ao sistema europeu, patriarcal e colonial de poder (Tolentino; Batista, 2017).

Além disso, Vergueiro (2016), traz a perspectiva da cisgeneridade como uma questão colonial também. O autor afirma que a ciscolonialidade proporciona algumas críticas e reflexões acerca da diversidade corporal e de identidade de gênero. Ou seja, a condição cisnormativa de ideologia moral e familiar não pode ser desassociado do histórico colonial, europeu, cristão e branco, daqueles que invadiram o território brasileiro. Segato (2010), complementa essa afirmação quando explica que, antes do período colonial, os povos indígenas tinham uma expressão de prática transgênero bastante diversa e presente no contexto cultural daquelas culturas nativas.

Percebe-se que, o ataque à comunidade LGBTQ+ ocorreu e continua a persistir nos dias atuais. Apesar de acreditar que, luta pelos direitos LGBTQ+ no Brasil teve início no final da década de 70, durante o período da ditadura, é importante destacar que, essa pauta se faz presente no território brasileiro desde o início do processo colonial de poder, a mais de 520 anos atrás.

O Movimento LGBTQ+ tem contribuído para romper hierarquias e sistemas opressivos impostos durante a colonização do Brasil. Lacerda e Santos (2020), em sua obra "O Movimento LGBTQ+ no Brasil: Reflexões sobre Trajetória e Lutas (1970 - 2000)", apresentam uma abordagem explicativa da necessidade e relevância do Movimento LGBTQ+, considerando que a comunidade LGBTQ+ enfrentou por muito tempo xingamentos, agressões físicas e psicológicas, e, em alguns casos, foram submetidos a tratamentos psiquiátricos em manicômios apenas por serem homossexuais.

Por isso, a decolonização do Movimento LGBTQ+ tem o potencial de abrir caminhos para discussões mais amplas sobre sexualidade e gênero na sociedade brasileira. Dessa forma, o movimento contribui com uma pauta onde é reforçado a desconstrução de pensamentos e atitudes implantados durante a colonização e, principalmente, possibilitando novas conquistas para a comunidade LGBTQ+.

### **As limitações no entendimento do Turismo LGBTQ+**

Além das restrições do movimento LGBTQ+, que não considera toda a complexidade de seu contexto histórico, tem-se também, o turismo LGBTQ+, que tem compartilhado semelhanças nas restrições de seu real impacto social, cultural e político. Por isso, é preciso entender alguns aspectos que envolvem o turismo e o nicho do Turismo LGBTQ+.

Para iniciar, é preciso mencionar o entendimento de Moreira e Hallal (2016), os autores firmam que a viagem é uma forma do sujeito se deslocar do modo opressor em que se vive. Essa liberdade não é física psíquica ou emocional, mas sim, é uma liberdade ideológica, e essa ideologia não se limita a apenas um único entendimento, podendo ter uma variação de perspectivas que superam os aspectos dominantes dos padrões sociais normativos, se [des]identificando dessas normas estabelecidas pela sociedade.

Dito isto, o turismo contribui de forma positiva com o fortalecimento de diversos valores. Eventos culturais, por exemplo, são uma forma de incentivar uma maior participação e cooperação intercultural (Tomazzoni; Fiore; Souza, 2014 apud. Yeoman, 2006). Sendo assim, o turismo é

caracterizado como uma atividade complexa, que tem a influência de múltiplas disciplinas. Essa complexidade deve ser levada em consideração pelos planejadores, gestores e pesquisadores da área, que precisam ter atenção ao fato de que a atividade se relaciona com a construção de conhecimentos em aspectos da dimensão ambiental, cultural e social (Moreira; Hallal, 2016).

Pode-se complementar esse entendimento afirmando que, o deslocamento em questão, consegue atingir processos inconscientes, se movendo em direção à algo que não necessariamente se sabe o que é (Moreira; Campos, 2019). Ou seja, a prática do turismo LGBTQ+, por exemplo, pode de forma involuntária, atingir entendimentos que não estão claros e óbvios para o contexto social ao qual se está inserido, envolvendo aspectos diversos da sociedade, da cultura e da política.

Apesar da existência de toda essa complexidade no turismo, as produções científicas na área são limitadas, e inconsistentes com o contexto social, cultural e político do turismo LGBTQ+. Essas pesquisas, em sua maioria, são direcionadas ao sentido econômico, justificado pelo grande retorno financeiro obtido pelos turistas. Dessa forma, incentivam, de forma indireta, as empresas que trabalham nesse segmento, a pensarem apenas no lucro financeiro desse público (Moreira; Hallal, 2016). Moreira e Campos (2019) complementam, afirmando que as produções acadêmicas no turismo, voltado para o mercado LGBTQ+, tem apresentado e definido esse segmento, como um perfil econômico da população LGBTQ+.

Em seu texto, Tomazzoni, Fiore e Souza (2014) trazem algumas informações quantitativas para afirmar a importância econômica do Turismo LGBTQ+, como por exemplo os Dados do Ministério do Turismo, informando que, 30% desse público gasta mais do que as pessoas de outros segmentos do mercado. Neves (2021) complementa esses dados informando que, a International Gay and Lesbian Travel Association (IGLTA), no ano de 2019, trouxe pesquisas a respeito dos impactos econômicos gerados pelo consumo realizado pelos turistas LGBTQ+. Além disso, a Organização Mundial do Turismo (OMT), também entende o Turismo LGBTQ+ como um nicho vantajoso para o mercado e para a economia turística.

Além disso, o marketing das casas noturnas, maior investimento dos empresários da área, iniciativas que visam o lucro, impactos significativos da cadeia produtiva do turismo durante o período da parada LGBTQ+, são algumas das afirmações que justificam a importância desse segmento turístico dentro do mercado. Sendo esse, um evento comparado a 2x o período do natal no sentido do capital gerado (Tomazzoni; Fiore; Souza, 2014).

Sendo assim, tanto a academia, quanto o mercado, juntos, não compreendem verdadeiramente a inclusão da comunidade LGBTQ+ a partir de suas demandas históricas, sociais e políticas culturais no setor turístico (Moreira; Campos, 2019). Neves (2021) complementa essa informação afirmando que, não existem pesquisas envolvendo as peculiaridades e particularidades dos impactos do Turismo LGBTQ+ na Sociedade.

O campo econômico é apenas uma das muitas dimensões do turismo, e se o turismo for visto como apenas por uma questão econômica, todas as perspectivas antropológicas do fenômeno turístico são substituídos pela visão de que as pessoas são apenas, peças que movimentam o capital (Moreira; Hallal, 2016, apud Barretto, 2003). Esse entendimento predominantemente econômico do turismo é predominante devido aos estudos do turismo terem sido iniciados pelos economistas, baseando seus resultados em dados estatísticos de oferta e demanda (Moreira; Hallal, 2016, apud Moesch, 2002).

Sendo assim, é importante um entendimento para além dessas questões econômicas, sendo preciso observar também, as perspectivas culturais, políticas e éticas. Essas questões podem articular de forma conjunta, com o desenvolvimento social, integrando com uma inclusão a partir da humanização da convivência social, sendo imprescindível o sentimento de pertencimento e a participação presente nas esferas sociais (Tomazzoni; Fiore; Souza 2014 apud Sen, 2010).

Nesse sentido, o próprio ato de viajar pode ser identificado como um processo de inserção social dessa população que não vê pertencimento em seu espaço de origem (Moreira; Hallal, 2016). Ao viajar, o turista solta, liberta, desenraiza, atravessando fronteiras e dissolvendo barreiras, se perdendo e se encontrando, havendo assim, uma transfiguração do ser, não sendo possível regressar aos paradigmas anteriores (Pimentel, 2001 apud Ianni, 1996).

Ou seja, além de questões econômicas movimentadas pelo Setor turístico, e já saturadas no sentido do debate acadêmico, o turismo LGBTQ+ envolve questões complexas que vão além dos aspectos de resistência, militância e de festas pelas ruas. Segundo Tomazzoni, Fiore e Souza (2014), a parada LGBTQ+ de São Paulo é um evento que representa a liberdade, assumindo a dimensão de uma manifestação social e política, que busca pelo seu devido reconhecimento a partir do sentimento de pertencimento.

Para compreender melhor o contexto da parada LGBTQ+ de São Paulo, Tomazzoni, Fiore e Souza (2014), afirmam que, uma das razões para a realização deste evento, é a luta pela liberdade de expressão das pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQ+. A parada LGBTQ+ apresenta uma

posição de protesto contra a heteronormatividade, um mecanismo preconceituoso que impõe condutas morais que são aceitas pela sociedade (Tomazzoni; Fiore; Souza, 2014).

Mesmo assim vale destacar a afirmação de Neves (2021), onde o autor afirma que a Parada do Orgulho LGBTQ+ representa significativamente o Turismo LGBTQ+, mas essa atividade turística não pode se resumir a este evento. Por isso, se faz importante conhecer as particularidades desse turismo, e os ambientes socioculturais e espaços de lutas políticas que a população LGBTQ+ vivencia (Neves, 2021 apud Nunan, 2003). Por exemplo, Grillo e Lanzarini (2019) afirmam que, existem experiências de entretenimento cultural, que também podem ser vividas e entendidas como turismo LGBTQ+.

Segundo Grillo e Lanzarini (2019), o ato de viajar simboliza uma sensação de liberdade. Além disso, as experiências culturais específicas deste segmento LGBTQ+, vivenciadas por esses turistas resultam numa abertura de discussões sobre aspectos sociais e psicológicos, resultado de um estigma socialmente imposto (Grillo; Lanzarini, 2019).

Tomazzoni, Fiore e Souza (2014) afirmam que o turismo LGBTQ+ tem um papel importante para o reconhecimento da importância dessa comunidade como cidadãos, beneficiando o desenvolvimento não só turístico da região, mas social e humano, também. Moreira e Hallal (2016) complementam afirmando que, o Turismo LGBTQ+ é motivado pela necessidade de presença dessas pessoas, em constante busca por pertencimento social não encontrado em seu lugar de origem.

Então, pode-se concluir que é preciso compreender as raízes históricas vividas pela população LGBTQ+, mesmo antes de serem consideradas turistas. Para que dessa forma, seja possível entender a luta trilhada por esses indivíduos na busca da conquista de seus espaços na família, na Sociedade e nas cidades, quebrando os paradigmas de uma visão homogênea da atividade e seus participantes (Neves, 2021).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de lente teórica com uma investigação interpretativa conduzida pelo próprio autor, afim de compreender melhor os aspectos observados a partir da contextualização dos textos coletados previamente (Creswell, 2010). A revisão de literatura foi realizada através de uma pesquisa em diferentes periódicos, como o portal Capes, Scielo e Publicações em Turismo.

Algumas palavras-chaves foram utilizadas totalizando no final, 05 textos sobre o tema da decolonialidade. Em seguida, foi preciso identificar alguns artigos com a abordagem do tema da Decolonialidade voltada para o movimento LGBTQ+. Totalizando 07 artigos utilizados para uma contextualização mais direcionada ao tema abordado. Também foi preciso encontrar textos sobre o Turismo LGBTQ+, 05 artigos foram utilizados para problematizar a perspectiva das pesquisas científicas da área e a questão mercadológica desse nicho.

Sendo assim, o texto inicia com a explicação do que entende-se sobre Decolonização, a partir desse entendimento é possível identificar como o movimento LGBTQ+ pode ser entendido dentro da Decolonização, para que por fim, seja possível abordar as problemáticas existentes dentro do Turismo LGBTQ+.

Os resultados obtidos foram feitos a partir da coleta de documentos em diferentes meios de comunicação. Ou seja, esta pesquisa tem sua estratégia metodológica baseada numa pesquisa documental a partir de uma teoria fundamentada. Visto que, para alcançar os resultados esperados, foi preciso fazer uma busca detalhada em blogs de notícias, matérias jornalísticas e sites oficiais, em busca de informações que reforcem a ideia da necessidade da decolonização do turismo LGBTQ+ e também, da perspectiva colonizada desse tipo de deslocamento atrelado ao movimento de resistência.

Para tais resultados foi optado por investigar a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, devido ao seu impacto significativo no turismo LGBTQ+. Então, delimitou-se um período de 05 anos a partir do início aplicação da metodologia da pesquisa, para investigar de forma detalhada a programação das últimas 05 Paradas do Orgulho de São Paulo dos anos 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023. Sendo elas respectivamente, as edições 23ª, 24ª, 25ª, 26ª e 27ª, com o objetivo de verificar a presença ou participação de aspectos que reforcem o entendimento histórico e Decolonial do movimento.

Vale destacar que, não foi possível delimitar de forma específica quais fontes documentais iriam ser utilizadas previamente, visto que, o objetivo da metodologia aplicada, foi encontrar o maior número de dados possíveis para alcançar algum resultado consistente durante a pesquisa. Ao todo fizeram parte do acervo documental do presente estudo, 03 Blog de notícias, são eles, Adnews, Agencia Brasil e Elastica Abril. 05 Matérias jornalísticas, disponíveis no portal do Estadão, G1, Gshow, Terra e Uol. Além disso, 04 Sites oficiais, também foram utilizados para a coleta de informações, foram eles o Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, Cidade de São Paulo, Parada SP e Prefeitura de São Paulo.

Todo esse material coletado foi utilizado para embasar o entendimento da problemática mencionada durante o referencial teórico. As informações coletadas foram posicionadas de forma

cronológica para um melhor entendimento da evolução do evento como um todo e de seus impactos políticos, culturais e sociais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dados da Associação Brasileira de Turismo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes (ABRAT-GLS), mencionam que a parada LGBT+ de São Paulo em 2013 movimentou cerca de 400 milhões de Reais. Em São Paulo, a alta ocupação da hospedagem na região durante a para do Orgulho LGBT+ se dá, devido às feiras e os eventos corporativos que acontecem nesse período, sendo esse, um evento importante para o Setor.

Segundo informações disponibilizadas pelo site oficial da Parada do Orgulho de SP, a Parada LGBT+ de São Paulo é organizada pela Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOLGBT-SP), sendo essa, uma manifestação social que luta pelos direitos, promove a visibilidade e celebra a diversidade com políticas e ações afirmativas. A primeira edição do evento aconteceu no ano de 1997 e teve a participação de 2 mil pessoas, e na sua 10ª edição, no ano de 2006 bateu o recorde de maior do mundo com um público de 2,5 milhões de pessoas. Vale destacar que, este recorde foi superado outras vezes no mesmo evento, registrando 3,2 milhões de pessoas, e 4,5 milhões de pessoas no ano de 2010 e 2012, respectivamente.

Tomazzoni, Fiore e Souza (2014) afirmam que a cidade de São Paulo tornou-se um dos destinos LGBT mais importantes de toda a América Latina. Essa informação também é mencionada por Grillo e Lanzarini (2023), onde os autores afirmam que a cidade de São Paulo faz parte do maior evento turístico do segmento LGBT+ em toda a América Latina.

Vale lembrar que a Parada LGBT+ de São Paulo envolve questões que vão além do festival popularmente conhecido, visto que, segundo Grillo e Lanzarini (2023), o evento conta com espetáculos teatrais, que oferecem um produto turístico cultural a respeito de toda a dimensão da existência das pessoas LGBT+. Nesses produtos teatrais, é possível demonstrar para os turistas, opções diversas de debates sobre a diversidade, a militância de gênero e sexualidade que pertencem a cultura LGBT+ (Grillo; Lanzarini, 2023).

No ano de 2019 foi realizada a 23ª Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo, e segundo informações disponíveis no site da Prefeitura de São Paulo, o evento teve o apoio da Secretaria Municipal de Turismo da cidade. Orlando Faria, Secretário de Turismo de São Paulo da época, afirmou que a Secretaria de Turismo, como um órgão público, tem a missão de respeitar e apoiar a diversidade.

Ainda segundo informações do site da Prefeitura do município, o tema da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo foi sobre os 50 anos do Stonewall. Este tema reforçou a ideia de que, a revolta que aconteceu no Bar de StoneWall, nos Estados Unidos da América, foi o marco inicial de resistência do movimento LGBTQ+ no Mundo. Além das informações mencionadas, várias atrações artísticas e eventos culturais fizeram parte do evento, mas o que vale ressaltar no presente estudo é que, no ano de 2019, a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, reforçou aspectos de uma dependência histórico cultural dos países dominantes, ao celebrar um acontecimento ocorrido em um país culturalmente colonizador.

Em 2020, a parada LGBTQ+ foi cancelada pela primeira vez devido a Pandemia de Coronavírus (G1, 2020). Segundo informações publicadas no portal de notícias G1 no ano de 2020, o evento foi transmitido em ambiente virtual. Renato Viterbo, vice-presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, afirma que a live da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo debateu sobre questões do racismo, e das sexualidades. Vale mencionar que, apesar do movimento decolonial envolver aspectos anti racistas, não fica claro se os debates realizados em ambiente virtual no ano de 2020 contemplou o que é esperado pelo sentido da decolonização.

Pelo segundo ano consecutivo, em 2021 a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, aconteceu de forma virtual. Segundo Bitar (2021), em sua matéria no G1, a 25ª edição do evento foi a comemoração dos 25 anos da Parada LGBTQ+ de São Paulo, e o tema HIV/AIDS: Ame + Cuide + e Viva +, teve como objetivo principal o combate ao estigma e os preconceitos das pessoas que vivem com HIV.

Segundo Souza (2021), em sua matéria para o Agência Brasil, a programação desta edição foi realizada totalmente em ambiente virtual, totalizando 8 horas seguidas de atrações que foram transmitidas pelos canais do youtube da APOLGBT-SP e no da Dia Estúdio. Os apresentadores Eduardo Camargo e Felipe Oliveira do Canal Diva Depressão, quem apresentaram os bastidores do evento entre cada Show. A presença artística desta edição contou com a presença de diversas artistas consagradas, entre elas, Maria Gadu, Gloria Groove, Linn da Quebrada. Além disso, o evento contou com a presença de Katu Mirim, indígena LGBTQ+ que compartilhou sua vivência durante a Live Transmitida na 25ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo.

Katu Mirim é uma Rapper Indígena LGBTQ+, filha de uma mulher preta com um pai indígena, que aos 11 meses foi doada para uma família branca é evangélica, e se criou na periferia de São Paulo (SOUTO, 2020). Segundo Candido (2020), Katu Mirim aos 13 anos descobriu que pertencia ao Povo Bororo-Boe do Mato Grosso do Sul. Desde então, a artista indígena LGBTQ+ busca, a partir de suas

músicas, lutar contra o racismo, entendendo que, a diversidade sexual não apenas é uma exclusividade branca (FERNANDES, 2020).

Em sua participação na Live da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo de 2021, Katu Mirim (2021) menciona sobre o apagamento cultural que os Povos Indígenas sofrem, não apenas pelo aspecto da invisibilização resultado do racismo, mas também, pelo fato de que as pessoas não indígenas acham surpreendente o fato de que existam Indígenas LGBTQ+. Katu Mirim (2021) ressalta o fato de que, cada Povo Étnico lida com a sexualidade de modo diferente, mas traz o exemplo de seu Povo, Boe-Bororo, onde o fato de ser lesbica nunca foi uma questão porque a sexualidade é vista como algo natural.

Dentro da Live, uma outra participação Indígena, trouxe mais informações ao debate. Kinho Tupinikim foi entrevistado por Katu Mirim (2021) e explica que, na sua comunidade, a homofobia e o machismo é algo presente na Aldeia de seu Povo. Kinho Tupinikim (2021) lamenta o fato de que todos esses preconceitos foram trazidos pela a colonização, e que antes, já existiam pessoas LGBTQ+, mas que, devido a Colonização, os Povos Originários deste século, estão expostos a esses preconceitos.

Katu Mirim (2021) finaliza sua participação ressaltando a importância de tornar a diversidade sexual algo visível entre os Povos Indígenas, devido ao fato de que, alguns indígenas não sentem orgulho de serem quem são em suas comunidades. É preciso que a Comunidade LGBTQ+ ouça as demandas e discussões que contribuem com as pautas do Movimento, visto que, Segundo Katu Mirim (2020), os Indígenas LGBTQ+ além de sofrer com a LGBTQ+fobia, também sofrem com o racismo.

Em 2022 aconteceu a primeira Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo presencialmente, pós pandemia. Segundo informações do Site da Cidade de São Paulo, em sua 26ª edição, a Parada do Orgulho teve como tema principal a conscientização sobre o ato do voto, com o título “Vote com Orgulho: Por uma política que representa”, tema este, justificado pelo fato de que, 2022 aconteceu a corrida presidencial no Brasil.

No ano de 2022, foi possível conferir toda a programação da 26ª Parada do Orgulho, que foi divulgada pelos principais sites de notícias. O AdNews, publicou uma matéria com autoria de Matheus Perente (2022), divulgando a programação da Parada do Orgulho, dentre as atrações confirmadas, no Trio 9, estava a participação artística de Thaline Karajá.

Segundo informações publicadas no portal de notícias do GShow, Thaline Karajá foi uma participante do The Voice Brasil 2020, que fez parte do Time do Brown. Natural do Pará, hoje Thaline Karajá faz parte de um grupo de Carimbó, afirmando que, seu orgulho é ser vista pelo seu Povo e seu principal objetivo é representar os Povos Indígenas.

Além desta participação, em informações compartilhadas pelo Estadão, Katu Mirim fez parte da programação de uma live que foi transmitida de forma paralela ao evento que estava acontecendo na Av. Paulista. A Indígena Katu Mirim, fez uma participação artística, cantando músicas de sua autoria e teve sua apresentação transmitida em formato online pelo canal do YouTube chamado Dia Estúdio, que organizou e divulgou o evento.

No ano de 2023, a 27ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo teve como tema principal as Políticas Sociais para a comunidade. Segundo informações disponíveis no site da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, esse tema principal diz respeito à invisibilidade e à falta de assistência social no Sistema Único de Saúde (SUS), para a Comunidade LGBTQ+. Segundo Freitas (2023), o tema da parada foi com o objetivo de reforçar a importância da proteção da comunidade e exigir direitos que costumam ser negados pelas políticas públicas.

A parada da diversidade do ano de 2023 teve sua programação divulgada no próprio site da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo. Além das diversas presenças artísticas como Pablo Vittar, Daniela Mercuri, Majur, uma cantora trans negra, entre outras atrações, foi possível também conferir os atrativos culturais do evento. A Feira Cultural da Diversidade de 2023, aconteceu no Memorial da América Latina de São Paulo, onde foi possível conferir alguns Workshops, venda de artesanato, exposição de Arte e produtos com temática LGBTQ+. Apesar de serem observados aspectos significativos e culturais da comunidade LGBTQ+, na divulgação do evento, não foi possível coletar mais detalhes além do que fora exposto que contemplem o aspecto decolonial do presente estudo.

Em uma matéria disponível no Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, em uma das edições da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, a rapper indígena Katú Mirim, que estava presente no evento, e ao chegar trajando adornos indígenas, foi abordada por participantes do evento que elogiaram sua vestimenta, mas ao mesmo tempo disseram que não sabiam que existia índio LGBTQ+. Por sua vez, Katú Mirim diz que não quer ir contra o movimento LGBTQ+, mas quer inclusão e incluir os povos indígenas em suas terras (CANDIDO, 2020).

Apesar de não estar claro na matéria, em qual edição da Parada do Orgulho LGBTQ+ o exposto ocorreu, vale mencionar que o relato publicado no ano de 2020, traz um importante entendimento para os aspectos vividos pelo público LGBTQ+ Indígena. Diante o exposto Candido (2020) menciona que, os indígenas LGBTQ+ enfrentam uma exclusão dupla por serem tanto indígenas quanto LGBTQ+ e estão se unindo em coletivos para se envolver nas discussões e atividades dos grupos LGBTQ+. Esses coletivos permitem que os indígenas LGBTQ+ tenham uma voz e essa iniciativa busca fortalecer a representatividade e a inclusão dessas comunidades, reconhecendo as lutas específicas que enfrentam devido à sua identidade indígena e LGBTQ+.

## IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E/OU TEÓRICAS

Primeiro foi explicado de forma mais generalizada, os preços das opressões trazidas com os invasores, para compreender o que se define como decolonização, sendo esse, um resgate de entendimento cultural e social de uma tradição apagada e desconsiderada pelo padrão eurocêntrico e colonial de poder. Em seguida, esse entendimento foi atrelado ao Movimento LGBTQ+ em si. Apesar desta relação ser negligenciada, foi possível perceber a essência decolonial presente dentro do movimento LGBTQ+, que é um movimento muito mais histórico do que se costuma acreditar.

Por isso, entende-se que, o Movimento LGBTQ+ reivindica pautas que são contra um processo opressor, que foi iniciado durante o período da colonização. E por isso, a partir dessa perspectiva, é possível considerar que o movimento LGBTQ+ poderia contribuir com a decolonização, se essa relação entre ambos os movimentos fosse percebida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta da percepção anteriormente citada de alguns indivíduos e dos coletivos que compõem parte da comunidade LGBTQ+, poderiam ter um entendimento ainda mais político, cultural e social, mas que não se faz presente dentro de o que é questionado como padrão normativo de gênero, sexualidade e diversidade. Para além disso, foi entendido também, as consequências no indivíduo LGBTQ+ que se desloca em busca de uma liberdade, rompendo as normas opressoras de expressão, existente na Sociedade.

O turismo LGBTQ+ tem, de forma predominante, e normatizada, os aspectos econômicos e financeiros como única perspectiva possível de um nicho turístico que é bastante diverso. A ciência sempre busca analisar o Turismo LGBTQ+ dentro de um entendimento mercadológico, ignorando as diversas formas de manifestação cultural, política e social, que é resultado desse deslocamento.

Durante a programação a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo foi possível perceber pouco protagonismo dos assuntos atrelados ao sentido Decolonial do movimento, seja com a pouca representatividade indígena, como também, o enaltecimento de aspectos coloniais da história, como foi o tema da 23ª Parada de São Paulo no ano de 2019, que comemorou seus 50 anos de evento com uma perspectiva completamente distorcida do real contexto histórico do movimento.

Ou seja, é preciso avançar ainda mais na inclusão de certas perspectivas de luta e de como o movimento LGBTQ+. É preciso entender a contribuição da decolonização sobre um padrão mundial de poder que se iniciou durante o período colonial que oprimiu e impôs um entendimento único de

cultura e de expressão do Ser. Por isso, entende-se que, é preciso ter um maior avanço nas pautas do movimento LGBTQ+ e nas pesquisas voltadas ao nicho do Turismo LGBTQ+, com perspectivas culturais, antropológicas e sociais mais presentes no entendimento de uma atividade tão diversa.

Conclui-se, portanto que, a partir do que fora abordado no presente estudo, foi possível perceber toda a amplitude do tema em questão. O entendimento Decolonial se faz complexo em seu sentido teórico e prático, e por isso, para aplicar toda essa contextualização em uma perspectiva completamente específica, é algo que requer uma pesquisa ainda mais detalhada.

## REFERÊNCIAS

**Avenida Paulista será palco da 26ª Parada LGBTQ+ de São Paulo.** Cidade de São Paulo | Site Oficial de Turismo da Cidade de São Paulo. Jun. 2022. Disponível em: <https://cidadedesaopaulo.com/novidades/avenida-paulista-sera-palco-da-26a-parada-lbgt-sao-paulo/?lang=pt>. Acesso em 05 Jul. 2023.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, 2013.

BELIN, M DE O.; NEUMANN R. História da Homossexualidade no Brasil: Abusos, Perseguições, Repressões e o Avanço Do Movimento LGBTQ+. Repositório Universitário da Ânima (RUNA)

BITAR, Renata. 25ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo acontece neste Domingo pela Internet; HIV é o tema desta edição. **G1 - O Portal de notícias da Globo**. São Paulo, 06 Jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/06/25a-parada-do-orgulho-lgbt-de-sp-acontece-neste-domingo-pela-internet-hiv-e-tema-desta-edicao.ghtml>. Acesso em: 28 Jun. 2023

CANABARRO, Ronaldo. História e Direitos sexuais no Brasil: O Movimento LGBTQ e a Discussão Sobre a Cidadania. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2, 2013. Anais Eletrônicos [...]. Passo Fundo: UFPPF

CANDIDO, Marcos. Excluídos e Sexualizados, Indígenas LGBTQs contra atacam a homofobia. **Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva**. São Paulo, 22 Jun. 2020. Disponível em: <https://www.cedefes.org.br/29359-2/>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: Castro-gómez, S.; Grosfoguel, R., **El giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. 21 ed. Bogotá: Siglo Del Hombre Editores, 2007. Cap.1, p.9 – 24.

CUNHA, C. A. M. Teologia decolonial e epistemologias do Sul. **INTERAÇÕES**, v. 13, n. 24, 2018.

FERNANDES, Estevão R. “Homossexualidade Indígena no Brasil: Desafios de uma pesquisa”. *Novos Debates - Fórum de Debates em Antropologia* v. 3 n. 5 (2016): Janeiro a Julho de 2016.

FERNANDES, Nathan. Close e resistência: na luta com os indígenas LGBTQ+. *Elástica*. 10 Ago. 2020. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/indigenas-lgbt-tibira-racismo>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

FREITAS, Patrick, Parada LGBTQ 2023 SP: data, horário e programação. *Terra*. São Paulo, 23 Mai. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/paradasp/parada-lgbt-2023-sp-data-horario-e-programacao,be84c030210942c46152251bf2ce4d5405tla2s2.html>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

GRILLO, Camila Karla; LANZARINI, Ricardo. Turismo de Eventos en la Ciudad de São Paulo - Brasil Los Espectáculos Teatrales Como Atractivos Culturales. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. v.28, n.4. Dez. 2018

LACERDA, L. X. B.; SANTOS C. E. F DOS. O Movimento LGBTQ no Brasil: Reflexões sobre Trajetória e Lutas (1970 – 2000). X Encontro Estadual de História ANPUH/BAHIA

MIGNOLO, W. **Desobediencia Epistémica: Retórica de la Modernidad, Lógica de la Colonialidad y Gramática de la Descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **La opción de-colonial: Desprendimiento y apertura. Un Manifiesto y un Caso**. Bogotá: Tabula Rasa, n.8, p. 243-281, Jun. 2008.

MOREIRA, M. G. ; CAMPOS , G. O ritual da interpelação ideológica no Turismo LGBTQ e a impossibilidade do desejo que se desloca. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*: São Paulo, v.13, n.2, ago. 2019.

MOREIRA, M. G.; HALLAL, D. R. As Viagens e as Experiências de Fronteira na Transgressão do Armário Gay. *Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, v. 9, n. 1, 2016.

NEVES, Christopher Smith Bignardi. Turismo LGBTQ: Aplicação bibliométrica na pesquisa científica dos Programas de Pós Graduação em Turismo no Brasil (1997-2019). **Cenário - Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, Brasília, v.9, n.1, Jan. 2021.

Parada do Orgulho LGBTQ de São Paulo. **Parada SP**. São Paulo, Disponível em: <https://paradasp.org.br/>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

**Parada do Orgulho LGBTQ virtual será transmitida em 16 canais no YouTube neste Domingo**. Estadão. 03 Jun. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/parada-do-orgulho-lgbt-virtual-sera-transmitida-em-16-canais-no-youtube-neste-domingo/>. Acesso em 05 Jul. 2023.

**Parada Gay de SP bate recorde e reúne 3 milhões e 200 mil pessoas**. CDL Campos, Notícias. 07 Jun. 2010. Disponível em: <https://www.cdlcampos.org.br/noticia-2229/parada-gay-de-sp-bate-recorde-e-reune-3-milhoes-e-200-mil-pessoas>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

Parada LGBTQ de SP terá programação virtual e projeção de luzes na Av. Paulista neste Domingo. **G1 - O Portal de notícias da Globo**. São Paulo, 13 Jun. 2020. São Paulo. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/13/parada-lgbt-de-sp-tera-programacao-virtual-e-projecao-de-luzes-na-av-paulista-neste-domingo.ghtml>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

**Parada LGBT de SP vai para o ‘Guinness’**. Memorial da Democracia, 26 Out. 2006. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/parada-lgbt-de-sp-no-guinness-book>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

PERENTE, Matheus. **Confira a programação da 26ª Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo**. AdNews. Eventos. 17 Jun. 2022. Disponível em: <https://adnews.com.br/confira-a-programacao-da-26a-parada-do-orgulho-lgbt-de-sao-paulo/>. Acesso em: 05 Jul. 2023.

Pimentel, T. V. C. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. **Varia História**, v17, n.25, p.81-120, 2001

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino- americanas**, p. 117–142, 2005.

REIS, M. DE N.; ANDRADE, M. F. F. DE. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, mar. 2018.

SEGATO, R. L. Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial. [s. l], [s. n], 2010

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587; edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen

SOUZA, Ludimilla. SP: Parada do Orgulho LGBT tem shows e conscientização sobre HIV/aids. **Agência Brasil**. Brasília, 06 Jun. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-06/sp-parada-do-orgulho-lgbt-tem-shows-e-conscientizacao-sobre-hivaids>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

SOUTO, Luiza. Rapper indígena Katu Mirim: “Perguntam se tem como ir pintada para shows”. **Universa Uol**. 04 Jun. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/04/indigena-katu-mirim.htm>. Acesso em: 28 Jun. 2023.

Thaline Karajá canta em grupo de Carimbó e quer representar a cultura indígena em sua música. **Gshow**. Rio de Janeiro. 30 Out. 2020. Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/the-voice-brasil/2020/noticia/thaline-karaja-canta-em-grupo-de-carimbo-e-quer-representar-a-cultura-indigena-com-sua-musica.ghtml>. Acesso em: 05 Jul. 2023.

TOLENTINO, Juliana Gonçalves. Género, Sexualidade E Decolonialidade: Reflexões A Partir De Uma Perspectiva Lésbica. 29, out, 2017.

TOMAZZONI, Edgar Luis; FIORE, Vanessa de Souza; SOUZA, Aline. A Parada do orgulho gay e suas contribuições para o desenvolvimento turístico, Social e Humano da Cidade de São Paulo. **Revista Turismo y Desarrollo Local**. v.7, n.17. Dez. 2014.

VEIGA, Edison. O Índio Executado a tiro de Canhão Tido como 'Primeiro Mártir da Homofobia no Brasil. **BBC News Brasil**, 28, Dez, 2020.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978-85-232-1866-9.

**20ª Feira Cultural da Diversidade da Parada LGBTQ+ vai reunir artesãos, empreendedores e instituições sociais.** Agência de Notícias da AIDS, 2022. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/20a-feira-cultural-da-diversidade-da-parada-lgbt-vai-reunir-artesaos-empreendedores-e-instituicoes-sociais/>> Acesso em: 27 mai. 2023.

23ª Parada do Orgulho LGBTQ 2019. **Turismo - Prefeitura de São Paulo**, São Paulo, 18 Jun. 2019. Eventos. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/turismo/eventos/index.php?p=278600>. Acesso em: 28 Jun. 2023.